

A BATALHA

Redação, Administração Tipografia
GALCADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar
LISBOA - PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Imprensa e Estereótipa
RUA DA ATALAIA, 114 e 115
Este jornal não se publica as segundas-feiras...
...Não se devolvem os originais... Dos artigos publicados não responsáveis os seus autores.

DEP. LEG.

Editor: JOSE S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores

Ressinatura: Incluído o suplemento semanal,
Lisboa, mês 950; Província, 3 meses 2850;
África Portuguesa, 6 meses 7000; Estrangeiro,
6 meses 11000.

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2043

QUINTA-FEIRA, 30 DE JULHO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTEGA MUNICIPAL

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Os intelectuais e o operariado

Ultimamente certos elementos intelectuais têm vindo afirmando a sua simpatia pela causa do operariado, desejosos, segundo se depreende, de colaborar na obra de libertação dos oprimidos pelo capitalismo. Certamente que à grande massa trabalhadora não repugna aceitar o concurso daqueles que vivem principalmente, pelo cérebro e que não exploram o trabalho de ouvem e que, por isso mesmo, são trabalhadores como os outros.

Mas a verdade é esta: aparte a condição primacial da sinceridade dos propósitos dos intelectuais que pretendam aproximar-se de nós, a outra condição para uma profíqua colaboração é a da sua sindicalização. A que título senão como trabalhadores poderiam esses elementos ter qualquer espécie de acção no movimento operário?

Em geral certas classes nutrem uma especial relutância pela adesão à C. G. T. e quando se sindicalizam evitam-na. Ora os movimentos colectivos do operariado têm a sua característica sindical, que não podem perder. E' isso que constitue a sua força e que há de, no futuro, contribuir para a sua vitória.

A vida social do futuro far-seá pela cooperação de todos os elementos produtores e não são certamente os que desprezaremos os trabalhadores intelectuais. Não há nenhuma necessidade de os pôr de parte, o que haverá é até a necessidade de intelectualizar cada vez mais o operariado, o que exactamente se não poderá fazer sem o concurso de camaradas mais instruídos e que, actualmente, vivem arredados das nossas associações e da nossa vida sindicalista.

Que venham para nós, mas empregando os nossos métodos os que nutrem simpatias pela nossa acção. E dentro da organização operária e da campanha pela libertação dos trabalhadores têm os intelectuais um lugar bem marcado, uma missão definida, sobretudo a da obra da educação que é necessário realizar.

O operariado necessita de criar uma escola modelo, um teatro, realizar tantas outras aspirações de elevação intelectual. Quere os intelectuais dar a essas obras o seu concurso? Só teremos que nos regossejor por isso. Apesar com uma condição: é que primeiro, aceitando a nossa forma de organização e de actuar na sociedade em que vivemos, nos deem assim uma garantia do seu procedimento futuro. Porque fora do sindicalismo tódas as outras manifestações com apariência de colectivas não passam de puras abstracções e terão sempre uma vida efémera.

Uma revolta de negros na Guiné violentamente sufocada

22 soldados mortos e 74 feridos

Recebemos da Arcada a seguinte informação:

O governador da Guiné enviou para o ministro das Colónias, o seu relatório acerca da campanha nas ilhas Cumhabeque, Galinhos e João Vieira, cujo gentil se tinha rebelado, tendo havido da parte das forças do governo vinte e duas mortes e setenta e quatro feridos, tendo feito grande número de prisioneiros.

O governador estabeleceu nas referidas ilhas vários postos militares, para ocupá-las, sendo nelas recebidas as apresentações dos rebeldes que se submeteram, ficando aquelas regiões completamente submetidas à nossa soberania.

Informa mais que a campanha foi muito trabalhosa, visto os rebeldes serem muito armados e estarem bem armados, sendo completamente batidos.

Em primeiro lugar acentuamos que a Guiné parece estar num outro planeta, dando a demora havida nas notícias acerca do que por lá se passa. Essa demora revela que o governador da Guiné é um senhor muito poderoso que não tem pressa em dar contas dos seus actos.

E' significativo o silêncio da nota que recebemos da arcada sobre os motivos que levaram os negros a revoltar-se. Não se dá sóbre isso a mais pequena explicação decretaria porque a revolta dos negros da Guiné deve ter-se baseado em razões de incontrovertível justiça.

O negro costuma ser na Guiné vilmente explorado e roubado. Não lhe aplicam impostos absurdos, fazem-se-lhe pilhagens descaradas. As revoltas são a consequência dessas pilhagens.

A história dos crimes praticados em África ainda está por fazer-se. Do que se sabe—e é bem pouco o que se sabe—essa

Notas & Comentários

A polícia

Foi ontem dia grande para a polícia que efectuou no Campo Grande exercícios militares de grande imponência. Depois desses exercícios houve o desfile que foi feito em continência perante o seu comandante interno, major sr. Rodrigues.

Esses exercícios vão continuar e fazem parte daquele famoso plano de transformar a polícia num corpo aguerrido, preparando para poder exorbitar das suas funções e a tornar-sa uma força capaz de amanhã assustar os governos que pretendam ter a veleidade de lhe dar ordens.

O «glorioso» tempo de Sidónio Pais revivem em todo o seu sinistro explendor. A própria «Leva da Morte» não tardará a ser empalidecida por um «feito brilhante» para o que não faltam à polícia nem espingardas, nem instinto criminal, nem impunidade.

A morte ontem fez exercício militar no Campo Grande.

Os sinaleiros

Lisboa principiou a ter ontem o serviço de polícias sinaleiros organizado devidamente. E' uma vergonha noticiar-se este facto, não porque tal serviço não seja indispensável, mas porque há muitos anos a nossa pena deveria ter tracado esta noticia. Enfim, vale mais tarde do que nunca. Os guardas que se desempenham desta missão útil são altos e membrudos para dar ao estrangeiro a impressão de que a raça portuguesa é atlética e tem glórias internacionais nos jogos olímpicos. Neste passo para o progresso Lisboa atraçou-se mais do que o Porto, onde há muito tempo os sinaleiros se encontram espalhados às esquinas das ruas quase desertas, vigiando, de olho alerta o trânsito calmo — não vai, como já tem acontecido, algum carro de bicho chocar com uma carroça de mão...

Não se comprehende...

A imprensa monárquica está sem recursos. Assim o confessa o «Conselho Superior da Causa». Chega a parecer impossível que uma causa onde há tanta gente de dinheiro, tanto homem de negócios, tanto banqueiro, tudo com falta de fundos para manter a sua imprensa. Compreende-se essa pobreza franciscana no meio operário, porque os trabalhadores mal ganham para comer. Não sabemos, pois, como explicar esta ausência de fundos. Não é quer que os monárquicos ricos distraiam todo o seu dinheiro disponível para os grandes órgãos que lhes defendem os negócios e esqueçam os jornais que lhes defendem os principios...

Os lactários

Por iniciativa do sr. Alexandre Ferreira, abriram em pontos diversos da cidade três lactários, mantidos pela Câmara Municipal. E' realmente uma iniciativa interessante à qual não regateamos aplausos. Estão os lactários assim distribuídos: rua da Voz do Operário, rua Luz Soriano e Jardim da Estrela. Todos eles distribuem leite e roupas às crianças pobres, bem como se prontificam a fazer-lhes lavagens em balneários, sob a vigilância de pessoal habilidado. Penso que, em vez de três, não se tivessem aberto vinte ou mais porque todos encontrariam população de crianças para alimentar. Mas, como dizia Confúcio «as grandes viagens começam por um passo» e nós esperamos que a Câmara Municipal não fique no primeiro passo...

Na esquadra do Caminho Novo

Um preso foi agredido, que se encontra doente e sobre o qual impõe uma acusação invértil

Na esquadra do Caminho Novo encontra-se preso Manuel Tavares da Silva.

Acusaram-no de ter tomado parte numa reunião, no dia 1 de Maio, que tinha por fim preparar o atentado ao comandante da polícia.

Tavares da Silva esteve doente, de cama, de 13 de Abril a 29 de Maio. Não podia portanto ter tomado parte numa tal reunião que só existiu na imaginação da polícia, pois não é este o primeiro preso a quem é impossível ter participado nela, sendo, no entanto, acusado de tal.

Para lhe arrancarem uma confissão agrediram-no bárbaramente os agentes da brigada «xepe» Xavier, destacando-se na fúria aggressora o agente Armelin.

Tendo adocido poi levado para o Governo Civil, onde o conservaram oito dias, removendo-o de novo para a mesma esquadra onde se conserva doente ainda.

Eis as esmagadoras provas que a polícia possui contra os individuos presos.

Eis um exemplo mais daquela humanidade tão conhecida nessa classe de gente.

história é um rosário de vergonhas—e de vergonhas sinistras.

Cerca de 22 soldados ficaram mortos e 74 ficaram feridos, como o afirma a nota que recebemos, a fim de ser sufocada essa revolta.

Sacrificaram-se 22 vidas — por quê? Os negros foram chacinados — por quê?

Eis o que a informação não diz, e pelo que parece, não é necessário dizer-se. Sacrifica-se na Guiné, a vida dos brancos e a vida dos negros não se dando sequer em troca a mínima explicação sóbre os motivos que originaram esse gravíssimo acontecimento.

Estes mistérios têm de acabar! Precisa-se saber porque nas plagas da Guiné se denam homens à morte e os negros tomam o caminho da revolta.

A carne humana é objecto de mercância para os donos da Guiné. Mas, o tempo em que esses crimes se praticavam, sem que ninguém estranhasse, acabou.

Estamos, infelizmente, impossibilitados de apurar o que se passou na Guiné e denadados a ter como única fonte de informação as notícias enviadas da Arcada cujoacionismo significa uma infâmia e cujas omissões revelam o que lá se passou foi tão vergonhoso que se receia referir-lo na Metrópole.

Mas desde já lavrmos contra esse propósito silêncio que consideramos uma indignidade e um crime o nosso mais veemente protesto.

A história dos crimes praticados em África ainda está por fazer-se. Do que se sabe—e é bem pouco o que se sabe—essa

HÁ ESCRAVATURA NAS COLÔNIAS PORTUGUESAS

Os americanos afirmam-no e os portugueses que têm coração e alma generosa, afirmam-no também em nome da humanidade!

Há escravatura nas colónias portuguesas!

O sr. Armando Cortezão, colonialista distinto, criatura culta por cuja inteligência e saber temos a máxima consideração, revelou há dias no Diário de Notícias que um grupo de americanos apresentou à Sociedade das Nações um libelo acusatório contra a colonização portuguesa em África. Soube-ve—muito bem—que esses dezavam americanos a fazer tão grandes acusações não visavam outro propósito humanitário, que não fosse o de cubigar as colónias portuguesas.

Também não confiamos nas boas intenções dos filantropos americanos, mas ponho de parte essas máximas intenções, o sr. Armando Cortezão poderia ter confessado, porque confessava uma verdade universalmente conhecida, que os crimes de que são acusados os colonizadores portugueses correspondem à realidade dos factos.

Talvez no propósito de nos revoltar contra os filantropos americanos e de nos levantar, no auge da exaltação, a exclamar: «Caleuniadores!» o sr. Cortezão transcreve algumas passagens do terrível libelo acusatório e, tem graca, essas passagens estão ainda aquém de acusações que em letra redonda temos feito sem que os colonizadores portugueses ou o ministério das colónias se atrevam a desmenti-las.

Ora vejamos, com toda a serenidade com a maior calma possível, para que a ira e a revolta não nos perturbe a razão algumas dessas acusações caluniosas, como o sr. Cortezão parece classificá-las, transcritas do relatório entregue à Sociedade das Nações. Vejamos:

«O antigo processo de escravatura, dizem elas, desapareceu, mas em seu lugar surgiu uma forma de requisição de trabalho cujos efeitos são muito piores que a antiga escravatura.

«No velho sistema, os escravos eram um valor da propriedade e não passavam fome; a escravatura só era cruel quando o proprietário era de carácter cruel. Agora, os indígenas, arrancados de suas casas pela cativação, são vítimas dum sistema que não tem consideração pelas suas circunstâncias individuais e ignoram a sorte das suas famílias.

«Continuamente se fala, através das páginas do relatório, de deportações de indígenas de quem nunca mais se ouve falar. Homens, mulheres e crianças são levados para trabalhar nas estradas. «Os soldados vêm, agarram a gente, incluindo as crianças, e afiam os uns aos outros. Levam cerca de melada dumha família, deixando a outra metade. Vêem-se constantemente bandos de mulheres trabalhando nas estradas, muitas delas com crianças às costas.

Estes trechos que o sr. Cortezão citou no seu patriótico artigo é uma síntese maravilhosa do que se passa em Angola.

Terá o ilustrado colonialista, que tão grande permanência teve nas colónias e que tanto sabe de assuntos africanos, coragem de negar a veracidade do que apontam os americanos no seu libelo? Toda a gente conhece estes factos, e não é pouca. Compreendemos que no interesse dos proprietários desunidos, do Estado opressor para com os negros ou no dos roceiros de São Tomé que, pela calada, praticam a sua patifaria muito razoável, se procurem desmentir essas verdades dolorosas. O que não compreendemos é que o sr. Armando Cortezão ponha a sua inteligência e a sua honestidade de serviço a tão ruim causa,

Para quê desmentir essas verdades? A quem aproveita o desmentido? Ao africano que abusa brutalmente do atraço das populações africanas e à custa do suor, do sacrifício, da escravidão — é este o termo de designação que não podem defender-se, faz fortunas colossais que raras vezes apropria a colectividade.

Agora vai o sr. Armando Cortezão chamar-nos anti-patriota, vendido aos promotores americanos e aos chocoleiros ingleses, como já alguém o afirmou. Mas não nos entendemos. Em Setembro do ano passado, num artigo sobre o sofrimento do povo negro de Angola escrevemos estes períodos que não vão muito fora do que se descreveu:

«Como o negro, a pesar da sua inteligência rude, não aceita voluntariamente essa escravatura, usam-se todos os trucos, todas as manhas para apanhá-lo. O mais vulgar é que se emprega com os negros que vêm em grandes grupos, carregados de cera, de borraça ou de outros produtos negociais as povoações mais importantes.

Seduz-se o negro, oferecendo-se-lhe aguardente. Instrui-se previamente um intérprete que é premiado com uma boa gorjeta. E quando o rude negro, entredido pelo álcool, está desprevenido, começo-se a aplicar a lei de protecção ao indígena... O contratador, representando uma autêntica comédia, diz para o intérprete:

— Pergunte a esse homem se quer ir trabalhar para umas propriedades em tal planalto, mediante o salário de X...»

E o intérprete, ensaiado devidamente, profere, no idioma do preto embriagado:

— Onze lá, pregunta o patrão se queres aceitar um paio bonito e bom...»

— Diz o branco se queres uma espingarda.

E o patrão responde: — «Tudo o que quiseres.

Regista-se imediatamente que o pobre preto aceita, com alegria, ir morrer, por um salário miserável, sob o sol ardente que abrasa as rocas de São Tomé ou as herdas de Angola.

Depois, se o desgraçado negro se apercebe do lógico e quere regressar à sua terra, entra-se no domínio da violência. «Malandro! Quere faltar ao contrato! Mandrião!»

As tropas rifeiras têm recebido reforços.

TANGER, 29.—As tropas de Abd-el-Krim continuam sendo reforçadas em todos os sectores. Os sintomas de actividade que se notam, indicam que Abd-el-Krim tem recebido, ultimamente, bastantes adesões de rifeiros que, com grande entusiasmo, se prontificam a combater os franceses.

“O Século” atrapalhado...

Sobre um desmentido ridículo

“O Século” tentou ontem desmentir a notícia que aqui publicámos sobre o empresário de 500 contos que tenta realizar, junto do Banco de Portugal. E fez-o tão atrapalhadamente que, na sua perturbação, nem reparou que a publicação do desmentido era forma dum carta assinada por Pereira da Rosa e endereçada a Trindade Coelho resultava numa perfeita chuchadeira. Então, é admisível que o dono ou melhor, o supervisor dirigente de “O Século” escreva ao seu empregado Trindade Coelho, pedindo-lhe e agradecendo-lhe a publicação dum carta?

Se o sr. Pereira da Rosa se visse a sério forçado a fazer isso não deixaria de rosnar, com exaspero, que o “bolchevismo” tinha entrado em “O Século”.

E’ tolo e caricato o truque que se levou à prática, pois ninguém se convence de que a empresa de “O Século” para defender, precisa de escrever cartas ao seu servil empregado Trindade Coelho.

CARTA DE COIMBRA

Aodisseia das menores desprotegidas

Os autores do crime de estupro a que temos feito referência, foram afiançados — Em pouco mais de quinze dias, contam-se já cinco crimes de violência sobre menores !

COIMBRA, 28. — O crime de estupro a que temos feito referência, praticado à sombra das festas de São Pedro, e cometido por seis indivíduos cujos nomes já publicámos — Mário Séco, Henrique do Amaral, Luís Roque, Augusto de Matos e David de Barros — começam agora a entrar no período sério; as responsabilidades a apurarem-se e a opinião pública, sensata e inteligente a manifestar toda a sua repulsa, condenando o procedimento vil daquelas que, pela sua idade, melhor seria que evitasse crimes como aquele em que se envolveram.

Neste momento, sabedora da verdade, toda a Coimbra estremece de horror e protesta — exigindo justiça para este caso, pois a continuar um estado de irresponsabilidade não se pode prever a que desmoralização chegará.

O dia de hoje, foi um dia de grande agitação e frequência nas imediações do tribunal. Fazia oito dias que tinham sido presos os autores desse infame crime e, enviados ao tribunal, estes deviam sair afiançados ou recolherem à cadeia.

E, de facto, estes saíram sob fiança de 400 mil escudos.

A fiança foi mal recebida, causando até indignação a quantos das tiveram conhecimento. Como indignação causou também, e facto de a saída do tribunal, os cinco indivíduos se mostrarem a rir, quase arrogantes!

Entretanto, como se este caso não fosse já mais do que suficiente para nos causar arrepios — eis que se constatam mais quatro crimes de violência sobre menores, todos eles precedidos de requintada bestialidade, e na perdição de crianças desprotegidas.

Nos dias da última semana, no parque de Santa Cruz, passava uma criança de pouco mais de 7 anos, que ia levar o jantar ao seu pai, um pobre operário. Entretanto, a pesar desse parcer ser policiado, alguns estudantes agarrraram a dita pequena, e prendendo a chave dum dos torrões do campo de futebol, atentaram contra a pobre criança a quem queriam desfilar.

Como porem não conseguiram seus intentos propostos por qualquer causa que desconhecemos, os reincidentes estudantes abandonaram a pequena, vindo agora a constatar-se esta terrível e nojenta verdade: a criança ficou contaminada dumha doença venérea, estando em estado lastimável!

Como é infame! Como revoltá tudo isto! Mas... não fica por aqui. Vamos ao terceiro caso:

Manuel Sertório Falcão, 1º cabo de infantaria 35, que tinha como criado uma rapariga de 15 anos de idade, poisa sua mãe aluga quartos a estudantes, servindo-se de pretextos que ignoramos, violou a referida menor, deixando-a, como a pequena de 7 anos a quem acima no referimos, contaminada de mal venéreo!

Ao saber porém que andavam procedendo contra si, militarmente, resolreu fugir.

Quanto ao quarto e quinto crime, eles foram praticados na travessa da Mäoinha, aos Olivais, e no lugar da Espanadeira, por indivíduos cujos nomes são desconhecidos e que atentaram também contra duas menores! — C.

A greve mineira

PARIS, 29.—O comité executivo da International dos mineiros resolvem apoiar o movimento grevístico dos mineiros ingleses.

PELA POLÍTICA**Aluda a crise ministerial**

O dr. sr. Domingos Pereira está na discussão de organizar um ministério a todo o custo, a fim de evitar que o Chefe do Estado peça a sua demissão. A sua primeira ideia foi um ministério de concentração geral, e outras depois lhe têm acudido a mente, sendo a última ao que parece um ministério de democráticos apoiado pelos mais famosos deputados independentes.

Segundo informações que recebemos, no tal ministério entraria um socialista que seria o sr. Ramada Curto, o sr. Herlander Ribeiro ou ainda o sr. Dias da Silva, mas qualquer destes só aceitará no caso dos deportados regressarem à metrópole.

A grosseria dum chefe de esquadra**A mulher dum preso tratada como se fôra uma prostituta**

Na esquadra do Caminho Novo, como já publicámos, encontra-se preso o operário Júlio da Anunciação, vítima como outros das maquinações policiais.

Ontem, quando a esposa daquêle preso se dirigiu ao cabouço, afim de entregar-lhe o almoço, o chefe da referida esquadra chamou-a ao seu gabinete e tratando-a por tu, dirigiu-lhe tais obscenidades, na mais baixa linguagem de bordel, que levaram, não tendo ânimo para responder a tão estúpido e grosseiro proceder, a apresentar-se chorando ante o marido.

E' revoltante a baixalhada destes Argus que impunemente afrontam tudo e todos.

Causa nojo a baixeza revelada pelo atrevimento desse chefe, que, tendo sob a sua guarda uma homem, julgou que isso lhe poderia servir a brincar com a honorabilidade da esposa.

FRUTO DUMA TOURADA

No hospital de São José dei ontem a tarde entrada, recolhendo enfermaria da sala de observações, Vitorino da Silva Teles, de 40 anos, pedreiro, natural da Azambuja e residente em A dos Loucos (Vila Franca de Xira) que na corrida de touros que, há dias, se efectuou em Arruda dos Vinhos, onde um dos touros saltou para as bancadas, caiu, nessa ocasião, fracturando o braço.

Em plena Democracia**Em Cercal do Glentejo as autoridades proibiram um romário**

CERCAL DO ALENTEJO, 27.—O Sindicato dos Trabalhadores Rurais resolveu efectuar no passado domingo um comício público de propaganda para o que convocou a C. G. T. e a Federação Rural a enviar delegados.

Na terça-feira, 21, enviou o Sindicato um requerimento ao administrador do concelho, que tem sede e residência em São Tiago do Cacém, pedindo autorização para efectuar o comício e comunicou ao regedor substituto do Cercal, actualmente em actividade, que o comício tinha lugar nesse dia.

Como até ao dia 25 não houvesse resposta por parte do administrador do concelho o Sindicato comunicou ao dito regedor que deveria o mesmo tomar providências para que à última hora não sucedesse qualquer contratempos. O regedor solicitou então telegraficamente de São Tiago do Cacém uma resposta ao pedido feito pelo Sindicato. Propositadamente, até ao momento de ter lugar o comício o administrador, servindo magnificamente os desejos da padilha, que nessa dia efectuava uma procissão em São Tiago, não enviou qualquer resposta.

Como seria lógico, o regedor do Cercal deveria autorizar a realização do comício, que em tempo mais do que oportuno, tinha sido solicitado. Tal não sucedeu. O regedor, criatura inculta e imbecil, sem modo de vida determinado, satisfazendo as implicações dos lavradores e proprietários da localidade, resolveu não autorizar o comício. Esta resolução foi tomada depois de constantes conversas com o cabo comandante da G. N. R. local e com os proprietários.

A comissão administrativa do Sindicato Rural resolveu então suspender a realização do comício para uma ocasião mais oportuna, tendo assumido especialmente esta atitude por ver o propósito de agressão em que se encontravam os soldados da G. N. R. que não teriam dúvida em pôr em prática os seus instintos selvagens contra os trabalhadores. Convém dizer que, segundo informações seguras que temos, um dos soldados da G. N. R. é um dos que tomou parte no célebre morticínio de 22 de Junho de 1924 em Silves.

Era tal o propósito agressivo que existia no regedor e G. N. R. local que, tendo um grupo de rurais convidado mais tarde os delegados da C. G. T. e Federação Rural a darem um passeio pelos arredores, quando todos se encontravam sentados à sombra do arvoredo a uma distância relativamente grande da aldeia, surgiu inopinadamente o regedor acompanhado pelo cabo e um soldado da G. N. R. que os intimou e não estavam ali, porque tudo dava a entender que se tratava dum reunião.

Em Cercal e arredores é geral a indignação contra esta violência da autoridade, havendo grande entusiasmo pelo comício, que a despeito da burguesia local, a classe, como em especial, o povo consumidor.

DENTES ARTIFICIAIS a 25\$00. Extratos cossos sem dôr a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «cauchu». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO
R. Garrett, 74, 1º (Chiado)

OS QUE MORREM**FALECIMENTOS**

Da Casa Mortuária do Hospital de São José, foi hoje removido para a Morgue, a fim de lhe ser feita a autópsia judicial, o cadáver de José Zimbril, aquele proprietário de Ponte do Rol (Torres Vedras) que, como noticiámos, ali foi agredido, no dia 21 último, a paulada por um seu filho, vindo a falecer no dia 26 na enfermaria de Santo António.

No Banco do Hospital de São José, faleceu ontem Teresa Duarte, de 67 anos, natural de Montemor-o-Velho, e residente no Casal Ventoso, vila Prata, 13, que caiu num escada na Praça da Alegria.

CAMARA MUNICIPAL

Em reunião da comissão executiva da Câmara Municipal foi apresentada uma proposta para que a rua da Procissão passe a designar-se rua Cecílio de Sousa. Cecílio de Sousa foi um dos jornalistas republicanos do tempo de Latino Coelho.

Foi resolvido também que seja colocado no jardim Constantino, a escultura de Francisco dos Santos, «Prometeu», que foi adquirida pela Câmara Municipal.

Deliberou-se que a Policia Municipal fique instalada numa dependência da escola municipal n.º 1, sita no largo do Mastro.

Vai ser ordenada a remoção dum barraca existente no Parque Eduardo VII, que, tendo sido destinada a vestiário dos jogadores de foot-ball, se encontra transformada numa taberna, onde se dão frequentes desordens.

SOLIDARIEDADE

Pró-Alberto Carneiro

No Salão de Festas da Construção Civil, realiza-se no próximo domingo, às 21 horas, um espectáculo em favor de Alberto Carneiro, que se encontra impossibilitado de trabalhar, devido a uma pertinaz doença. Representar-se-há a peça militar, em 4 actos, «Uma causa célebre» e um acto de variedades, preenchendo os intervalos o grupo musical «O Cravo».

Uma rectificação

Pede-nos José Gordinho que esclareçamos ter sido a quota de 223\$20 tirada pelos componentes da Associação dos Descargadores de Mar e Terra de Almada.

Também para o mesmo preso foi tirada, na obra das Ménicas, uma quota na importância de 30\$00, tendo sido ambas entregues à sua companheira quando ele ainda se encontra comunicado.

A política e o teatro**Para não se agravar o conflito satisfez-se o capricho do menino ministro**

A empresa do teatro da Trindade pede-nos para declarar o seguinte:

«Qui foi ontem novamente intimada pelo chefe de polícia que presidia à representação da revista «Ditosa Pátria» a suprimir o «Dueto dos Políticos» que embora não passe dum simples gracejo absolutamente inofensivo, tanto tem dado que fazer aos nossos eminentes governantes.

Que essa intimação se fez em nome do ministro do Interior como pode provar com mais de dez testemunhas.

Que é portanto o mesmo ministro quem vem contradizer a declaração publicada ontem pelo sr. governador civil.

Que estava resolvida, bem como os dois interpretes do referido dueto a fazê-lo representar a pesar das ameaças de prisão dos mesmos intérpretes feita pela supra citada autoridade.

Mas que, em vista de tóda a companhia e demais empregados do teatro terem declarado que se fariam prender também com os seus dois camaradas ainda que fôsse violentamente, num número de cerca de trezentas pessoas, a Empresa, de acordo com os autores, resolviu suprimir o número, não em obediência a uma intimação que continua a classificar de arbitraria e ilegal, mas em obediência ao bom senso e no propósito de não colaborar com as autoridades na desordem e no desrespeito pela Lei de que elas deram provas.

O caso está submetido à apreciação do ministro do Interior, numa exposição que lhe dirigiu e que ainda não recebeu por esquematismo de quem deverá mandá-la; e será submetida a todos os tribunais, se justica não for feita por aquele titular.

Lisboa, 30 de Julho de 1925. —Pela Empresa do teatro da Trindade —(a) Luís Gathardo.

Afirmámos também o signatário desta ser menos verdadeira a afirmação feita pelo governador civil numa declaração que tornou pública e na qual se diz que num número da «Ditosa Pátria», arbitrariamente proibido pela polícia administrativa, um político ali caricaturado aparece vestido de rameira.

Explorando a bordo

SANTANDER, 29.—Explodiu uma caldeira a bordo dum navio espanhol imponente no porto, tendo morrido 4 dos tripulantes e ficado 6 gravemente feridos.

Exposição de frutas

Realiza-se no próximo sábado, pelas 15 horas, a inauguração da exposição de frutas do sr. Alfredo Moreira & Filhos, conhecido por este nome.

A exposição conservar-se-á aberta até dia 4 do próximo mês de Agosto, reverrendo o produto das entradas a favor da Caixa de Previdência do Sindicato dos Profissionais de Imprensa.

COLISEU DOS RECREIOS**Kawamura e Saint Mars fazem hoje um emocionante combate**

cinco contos de prémio ao vencedor

do japonês

Constant contra Bastarrica

e Petig contra Stolzenwald

A noite de hoje vai ser de emoção e de entusiasmo para os frequentadores do Coliseu dos Recreios porque ali se realizam os três mais emocionantes combates de luta da temporada mundo, japonês, em «jû-jutsû», luta com o brutal belga RAUL SAINT MARS; o célebre campeão belga CONSTANT LE MARIN luta com o colossal espanhol BASTARRICA e o selvagem austriaco PETIG luta com energético alemão STOLZENWALD.

São três lutas formidáveis, emocionantes, cujas fases o público há de seguir com atenção. O valente japonês desafia os lutadores amadores e profissionais a lutarem com ele, oferecendo cinco contos a quem conseguir vence-lo em luta japonesa de «jû-jutsû» em 3 «rounds» de 5 minutos com 1 minuto de descanso. Antes da luta executar-se-há um admirável e surpreendente programa de variedades.

JÁ SAIU A 7.ª SÉRIE

DE OS MISTERIOS DO PODO

Interessante romance histórico profissionalmente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

Atropelamento

No Banco do hospital de São José, recebe curativo e recolheu a casa António de Passos Ferreira, de 12 anos, natural de Tomar, residente na rua Morais Soares, 66, A B, 1º, esquerdo, que, foi atropelado pelo automóvel S-4145, ficando ferido na cabeça.

DESPORTOS**Club Desportivo «Os Varinos»**

Reúne hoje a assembleia geral para aprovação dos estatutos, nomeação de corpos gerentes, apreciação do relatório da gerência, fixação do preço da cota e outros assuntos.

TEATRO AVENIDA

Telefone Norte 4355

AINDA HOJE A TRAGÉDIA**O LODO**

3.ª récita de assinatura

com a peça de Benavente

A MALQUERIDA

PROTAGONISTA: ADELINA ABRANCHES

OS EMIGRADOS

Produção da Swensa Film em 6 partes

Uma cine-comédia

Uma panorâmica

A BATALHA

PELA MARINHA GRANDE

A Nacional Fábrica de Vidros

A basfia dum director — Política de afilhados moral e materialmente ruinosas

Vem este artigo a propósito de uma entrevista inserida no *Diário da Tarde*, onde o dr. sr. Calazans Duarte faz as mais desconexas e ambíguas afirmações.

A Fábrica Nacional, triste é dizê-lo, não se encontra à altura de poder obreirar, com algumas congêneres da Marinha Grande, quanto mais, com as do estrangeiro! Pura blague o que se afirma!

E certo que quando o dr. Calazans veio toniar conta da administração da Nacional, veio encontrar o seu crávio, em estado calamitoso, com dívidas que remontavam a 200 contos.

Mas também não admira nada que tenha feito alguns resgates, pois que se têm vendido, alguns milhares de esteres de lenha, o que representa um auxílio enormíssimo.

Não é débito de apavorar, diz o dr. Calazans ao jornalista. Por aqui se vê, que essa dívida não é nata, tomada em linha de conta ou o rendimento, que lhe adveniu das vendas da lenha que sobeja da fabricação.

Faça da crise o director da Nacional.

E' absolutamente necessário que se diga o que se passou e tem passado, ácrata da. Eu fiz parte da comissão, que tratava com o governo, da solução de tão terrível mal. Quando se encontravam encerradas todas ou quase todas as fábricas de vidro, e quando andavam no iníbior perto de novos operários, todos os olhos se cravaram na Nacional, pois que era sem dúvida o único amparo que oferecia algumas possibilidades de êxito. Desta maneira foi apresentado ao governo o sr. José Domingues dos Santos que por esse tempo se desfazia em miríades de prometimentos, uma plataforma para fazer progredir a fábrica aprovando a paralisação total das outras.

Desse governo obteve o operariado a promessa de empréstimos de 300 contos para a pôr em laboração. Nada fez, como é de calcular, a-pesar-de-este estabelecimento ser visitado pelo ministro do trabalho desse governo o dr. João de Deus Ramos.

Foi então, que alguém opinou para se pedir ao governo seguinte autorização para vender alguns esteres de lenha.

Foi assim descoberto o filão precioso! Estava assegurada a estabilidade aos patrões da Nacional!

Mas dir-me-ão: Então os operários não lucram com a venda das lenhas? Nada, absolutamente nada!

A venda de tal combustível, só lhes serviu para se começar a trabalhar, e agora só beneficia aqueles endinheirados, a quem a cateteira devia há muito tempo. Os operários continuam a ter no escritório os seus salários repressados, enquanto o mercerio lhes deve debaixo a conta em atraso.

Todas as associações operárias colaboraram, incondicionalmente, para que fosse posta a funcionar, a fábrica que foi cedida ao Estado pelo inglês Stephens. Pretendia-se que todos os sem trabalho, se fôssem ali ocupar, dividindo o pouco trabalho, que ela podia dar. Era uma ideia altruista e humana, tanto mais que iria evitar que muitos explorados se tuberculizassem, como de facto aconteceu. O director da Nacional aceitou, a pretensão das associações pedindo só ordem, ordem e muita ordem, pois que não queria que aquilo, redundasse numa verdadeira anarquia.

Fez-se a organização do pessoal e quando subiram ao ar os primeiros rolos de fumo, tratou-se de apresentar ao dr. Calazans o trabalho das organizações operárias. Ficaram os desocupados esperando pelas ordens do director para retomarem o trabalho.

Mas nada! Dir-se-á ter tudo aquilo veias de D. Sebastião, que havia de, por certa manha de nevoeiro, aparecer aos loucos idiotas.

Começou a laborar a fábrica e o dr. Calazans, nada. Não tuga nem mugia, já o operariado via que tinha sido infamemente ludibriado, quando a mesma comissão se dispôs a abeirar novamente o director da Nacional.

Respondeu com evasivas e os operários vieram, dali convencidos de que ele tinha mentido desdenhadamente!

Soubre-se, mais: Tinha o dr. Calazans Duarte em seu poder uma lista negra!

Não queria portas a dentro, homens que dissessem que o capital teria que desaparecer! Nada, que essa peste poderia contaminar o rebanho pacífico, que sem custo pastorava! E assim tratou de empregar os refratários à associação, enquanto os outros estavam desempregados.

Instabeleceu-se ali uma burocracia ferrea e despótica, o comando dos afilhados trouxe novamente conta da barcaça e vê de espalhar aos quatro ventos que a Fábrica Nacional estava ajudando consideravelmente o operariado em crise. E' mentira! E' mentira, repito!

O operariado da Nacional teve que se sujeitar a trabalhar com uma redução, feita nos salários, de 40%. Prometeram-lhe que se haveria de pagar tudo isso tão depressa se vendessem as lenhas e até a data—nada!

Diz o entrevistado que a Nacional não deve alargar a sua laboração.

Pois pudera! Como há de ela alargar o seu raio de ação, se ela não pode nem assim aguentar-se?

Dirão os leitores que é pessimismo, mas o próprio director o mostra quando diz: "O nosso capital de giro é insuficiente, e, pelas circunstâncias especiais a que aíris aludi, e por outras a que por melindre próprio não devo fazer referência, difícil nos será resistir ao seu retrairo nas vendas se manter.

"Ora, depreende-se que a fábrica está periclitante, e que é mesmo provável que amanhã, esteja novamente em pantanas, sendo então responsáveis os operários porque querem mandar, e querem meter o mariz onde não são chamados, como vulgarmente se diz!

Que faz então o metódico engenheiro, director da Nacional?

Dá razão e força a afilhados, despreza as associações operárias, que com o seu esforço levaram o governo a consentir na venda, o que afinal só serve, como digo, para os grandes.

Agora dirá o dr. sr. Calazans Duarte: Quem não quer vai-se embora.

Isto a propósito de ele estar constante-

Pela marinha mercante

A superintendência militar não pode satisfazer

Já em vários artigos inseridos neste e outros jornais se tem demonstrado o quanto é de pernicioso para o desenvolvimento da marinha mercante, a sua dependência do elemento militar.

Há dias sucedeu precisar a Companhia Nacional de Navegação, para abastecimento do vapor "Dondo", duas 800 toneladas de carvão. Tendo urgência na saída do vapor, e como ainda não tivesse chegado de Inglaterra o carvão que havia encomendado, determinou, para não retardar a saída do "Dondo", que uma reserva de carvão que tinha a bordo do pontão, que em tempos foi o vapor "Constância", fôsse baileado para o "Dondo"; mas, como teve de pedir licença à Capitanaria para executar tal serviço, respondeu esta que não podia consentir na retirada do carvão de bordo do pontão porque as amarras não tinham a bitola exigida, e que, portanto, enquanto não fossem substituídas, bem como feitas algumas reparações indicadas pela vistoria, não poderia ser retirado o carvão de bordo do "Constância".

Singular maneira de pensar a de quem de tal ordem!

E vejam que extravagante critério: como a vistoria havia reconhecido as poucas condições de segurança do pontão, a Capitanaria, ao contrário do que a lógica indicava, persistiu em não deixar retirar do bordo a carga que corria risco de perder-se. E' claro, como a embarcação não oferecia condições de segurança, em vez de se retirar a carga com urgência, ordena-se que ela se mantenha até que se faça a reparação.

Não se comprehende também por que razão a Capitanaria de Lisboa só comece a funcionar às 12, quando em todos os países, estas reparações estão abertas a qualquer hora do dia, e não obstante que este grande inconveniente, sucede ainda que, quem tem a finalidade de ter assuntos a tratar naquele repartição, é quase sempre recebida com certa impaciencia.

As empreitadas dão também motivo à nossa admiração. São várias as razões. Primeiro porque exige ao trabalhador um esforço colossal por um salário que não compensa esse esforço, de que resulta um vasto desperdício de trabalho.

Segundo porque não fica a execução de esses trabalhos mais económica aos cofres da Câmara, muito pelo contrário, somas mais avultadas são dispensadas com esses trabalhos.

Terceiro pela imperfeição dos trabalhos, pois o operário precisa de fazer muito para dar margem a receber um salário mesmo para viver com bastantes dificuldades.

Resulta que esses trabalhos têm de ser feitos como já tem sucedido por duas vezes — a primeira por empreitada e a segunda a jornal.

Por aqui se verifica a improliufigade de esse método de trabalho, que o operariado deseja ver abolido.

* * *

Como v. ex.º sabem, em Março apresentaram uma melhoria de salários ao pessoal desde 21 de Janeiro. Em 1 de Abril começaram a ser-nos pago parte desse aumento ou sejam 60 000 do que tinham estipulado, faltando-nos portanto ainda 40 000 e a diferença de 21 de Janeiro a 1 de Abril, o aumento total.

Quando da aprovação da referida melhoria, disseram v. ex.º que a falta de verbas impossibilitava o cumprimento dessa melhoria, mas que em Junho seria integralmente cumprida.

* * *

"Os tempos foram decorrendo e Junho entrou, foi o mesmo que dizer que a classe aguardava ansiosa a vindura do que lhes pertencia.

Não apareceu. Procurado o dr. Marques da Costa, diz ser o caso com o vereador sr. Freire da Cruz, e vice-versa. E neste perder de tempo andaram suas excelências para finalmente dizerem que ainda não podem pagar por falta de verba. Isto é o culminar.

Então as somas de dinheiro que os municípios largam para os cofres da Câmara, o que se lhes faz e qual o seu destino?

Se não tem verba, como se justificam tais grandes empreendimentos como se leem nos jornais e que a Câmara vai mandar executar?

Como se comprehende a aquisição de um prédio por 2.000 contos, para instalar uma nova repartição, que ha de trazer novos funcionários?

Como se comprehende o constante aumento de despesas e o mesmo se não faça para o pessoal jornaleiro?

Verifica-se isto — a Câmara não quer pagar o que deve.

Não é justo que se alegue não ter verba para pagar convenientemente aos operários e a possuir para tantas inovações que se está vendendo.

Que as façam, está bem, até simpatizamos com a transformação da cidade, mas não se esqueçam de quem a transforma e embeleza. Se há verba para a transformação, que apareça também para os transformadores, que bem precisam, tanto mais quanto a sua aprovação legal já foi dada pelo Senado Municipal."

CONVITE

Este Secretariado solicita de todos os confederados que tenham assuntos dependentes do Tribunal dos Arbitrios Avindores, que nos comunicuem os seus nomes e os nomes dos indivíduos contra quem essas reclamações são feitas, a fim de facilitar um trabalho que este Secretariado está elaborando.

Pede-se brevidade no envio deste pedido.

CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje, pelas 21 horas, o dr. Sobral de Campos dará consultas jurídicas a todos os confederados que delas necessitem, bastando para isso a apresentação da cédula federal em dia.

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA E SOLIDARIEDADE

1 volume de 400 páginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de "A Batalha".

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de "A Batalha".

CONVITE

Este Secretariado solicita de todos os confederados que tenham assuntos dependentes do Tribunal dos Arbitrios Avindores, que nos comunicuem os seus nomes e os nomes dos indivíduos contra quem essas reclamações são feitas, a fim de facilitar um trabalho que este Secretariado está elaborando.

Pede-se brevidade no envio deste pedido.

CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje, pelas 21 horas, o dr. Sobral de

Campós dará consultas jurídicas a todos os confederados que delas necessitem, bastando para isso a apresentação da cédula federal em dia.

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA E SOLIDARIEDADE

1 volume de 400 páginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de "A Batalha".

CONVITE

Este Secretariado solicita de todos os confederados que tenham assuntos dependentes do Tribunal dos Arbitrios Avindores, que nos comunicuem os seus nomes e os nomes dos indivíduos contra quem essas reclamações são feitas, a fim de facilitar um trabalho que este Secretariado está elaborando.

Pede-se brevidade no envio deste pedido.

CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje, pelas 21 horas, o dr. Sobral de

Campós dará consultas jurídicas a todos os confederados que delas necessitem, bastando para isso a apresentação da cédula federal em dia.

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA E SOLIDARIEDADE

1 volume de 400 páginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de "A Batalha".

CONVITE

Este Secretariado solicita de todos os confederados que tenham assuntos dependentes do Tribunal dos Arbitrios Avindores, que nos comunicuem os seus nomes e os nomes dos indivíduos contra quem essas reclamações são feitas, a fim de facilitar um trabalho que este Secretariado está elaborando.

Pede-se brevidade no envio deste pedido.

CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje, pelas 21 horas, o dr. Sobral de

Campós dará consultas jurídicas a todos os confederados que delas necessitem, bastando para isso a apresentação da cédula federal em dia.

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA E SOLIDARIEDADE

1 volume de 400 páginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de "A Batalha".

CONVITE

Este Secretariado solicita de todos os confederados que tenham assuntos dependentes do Tribunal dos Arbitrios Avindores, que nos comunicuem os seus nomes e os nomes dos indivíduos contra quem essas reclamações são feitas, a fim de facilitar um trabalho que este Secretariado está elaborando.

Pede-se brevidade no envio deste pedido.

CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje, pelas 21 horas, o dr. Sobral de

Campós dará consultas jurídicas a todos os confederados que delas necessitem, bastando para isso a apresentação da cédula federal em dia.

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA E SOLIDARIEDADE

1 volume de 400 páginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de "A Batalha".

CONVITE

Este Secretariado solicita de todos os confederados que tenham assuntos dependentes do Tribunal dos Arbitrios Avindores, que nos comunicuem os seus nomes e os nomes dos indivíduos contra quem essas reclamações são feitas, a fim de facilitar um trabalho que este Secretariado está elaborando.

Pede-se brevidade no envio deste pedido.

CONSULTAS JURÍDICAS